

Antologia lírica angolana



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade
TERESA DIB ZAMBON ATVARS



Conselho Editorial

Presidente
MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL - EUCLIDES DE MESQUITA NETO
MÁRCIO BARRETO - MARCOS STEFANI
MARIA INÊS PETRUCCI ROSA - OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

FRANCISCO SOARES
(ORG.)

Antologia lírica angolana

ROTEIRO MÍNIMO

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

An88 Antologia lírica angolana: roteiro mínimo / organização: Francisco Soares. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

1. Literatura angolana – História. 2. Poesia angolana. 3. Literatura africana.
I. Soares, Francisco. II. Título.

CDD – 896.3
– 896.12
– 896

ISBN 978-85-268-1508-7

Copyright © by Francisco Soares
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 - 3ª andar – Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Para Luandino Vieira,
em memória de Carlos Ervedosa.*

*Às pessoas que tornaram
possível este livro.*

*A pessoa morre, o fogo não se extingue:
Os vivos continuam a servir-se dele.
(Provérbio umbundu)*

SUMÁRIO

Introdução: Antes da nação.....	11
---------------------------------	----

PARTE I – Primórdios e formação do sistema

Antônio Dias de Macedo.....	19
José da Silva Maia Ferreira	22
Joaquim Dias Cordeiro da Matta.....	30
Pedro Félix Machado	34
Tomás Vieira da Cruz.....	38
Geraldo Bessa Victor.....	46

PARTE II – Primeira geração nacionalista

Nota prévia.....	53
Maurício (de Almeida) Gomes.....	56
Aires de Almeida Santos.....	61
(Antônio) Agostinho Neto.....	65
Alexandre (Mendonça de Oliveira) Dáskalos.....	68
Antônio Jacinto (do Amaral Martins).....	71
Antero (Alberto Ervedosa de) Abreu.....	73
Viriato (Francisco Clemente) da Cruz.....	75
Tomás Jorge (Vieira da Cruz).....	82
Alda (Ferreira Pires Barreto de) Lara.....	85

PARTE III – Segunda geração nacionalista

Nota prévia.....	91
Henrique (Mário de Carvalho Moutinho) Abranches.....	94
Ernesto (Pires Barreto de) Lara Filho.....	100

João Maria Vilanova.....	104
Antônio (Mendes) Cardoso.....	106
Mário Antônio (Fernandes de Oliveira).....	109
Manuel (Guedes dos Santos) Lima.....	112
Arnaldo (Moreira dos) Santos.....	115
Fernando Costa Andrade.....	119
Henrique (Lopes) Guerra.....	123
João Abel (Martins das Neves).....	125

PARTE IV – Terceira geração nacionalista

Nota prévia.....	131
Arlindo (do Carmo Pires) Barbeitos.....	132
Ruy Burity da Silva.....	136
Jofre Rocha.....	138
Ruy (Alberto) Duarte (Gomes) de Carvalho.....	140
Jorge (Mendes) Macedo.....	143
Manuel Rui (Alves) Monteiro.....	145
David Mestre.....	149
Obras citadas.....	153

INTRODUÇÃO

Antes da nação

O que o leitor vai ter em mãos é um painel demonstrativo do percurso histórico da formação de uma poesia lírica angolana. Os primeiros sinais de literatura escrita e da existência de autores e leitores, temo-los ao longo do século XVII, e foi de lá também que tirei o primeiro texto aqui transcrito. Infelizmente, só voltamos a poder ler poemas angolanos em meados do século XIX, pois a preservação de papéis no nosso contexto era precária e, por outro lado, a maioria da documentação guardada se encontrava nos arquivos da Igreja, provavelmente em Roma e Lovaina (Leuven), uma vez que a instituição se responsabilizava pelo ensino e controlava a produção cultural até, justamente, o século XIX.

Os poemas escritos no decorrer dos dois últimos séculos foram já muitos e mostram a constituição de uma comunidade e de um sistema literários cada vez mais populosos. Os que se escreveram a partir da independência foram, talvez ainda, em maior quantidade que os anteriores. Isso me obrigou a conceber a nossa história literária em dois períodos principais, abordando, aqui, apenas o primeiro.

A data que separa os dois períodos é política e poética.

Política, na medida em que vincada pelo fator independência. Tal fator determinava, para os poetas, uma pergunta fundamental: o que deve ou pode ser a literatura angolana? Depois da independência, formal, a pergunta mudou: o que vamos ser na literatura angolana?

Entre uma e outra perguntas houve, como era de supor, uma geração de transição logo antes de 1975 e outra se revelando logo em seguida. A primeira, de autores nascidos ao longo dos anos 1940, fecha o período de formação; a segunda, de autores nascidos ao longo dos anos 1950, inicia já a nossa história literária posterior à independência.



Dito isso, breves notas para preparar a leitura desta sumaríssima narrativa ilustrada:

1. A seguir a cada título de cada “verbete”, expõem-se, resumidamente, as características do que o título refere ou ilustra e que me pareça necessário destacar.
2. A seguir a cada título genérico, para que o leitor não fique agarrado a meras definições ou resumos gerais, ilustra-se cada época ou geração com os principais protagonistas, ou seja, aqueles nomes que nos deixaram uma obra que me pareça representativa. Só em casos excepcionais incluí autores sem livro publicado ou organizado, pois a estruturação de um livro leva os poetas a rever seus textos em função de uma perspectiva de conjunto que vai defini-los para a posteridade.
3. A seguir ao nome do protagonista, resumem-se as características interessantes de sua poesia e se explica a escolha de um ou dois poemas representativos, para que

a produção pessoal se sobreponha à definição meramente esquemática de características e fatos.

4. A escolha dos poemas e dos autores evitou o critério político-partidário que, infelizmente, foi determinante na nossa crítica literária durante várias décadas (e, por vezes, ainda se tenta que assim continue). O que se pretende é apresentar um conjunto de poetas e poemas que valham pela sua obra e não pela partilha da militância. A inquietação estética revelada (ou escondida) por eles tornou-se, portanto, muito mais importante para mim.

5. Outra escolha se evitou: inseparável das nossas oraturas, urbanas e rurais, ao mesmo tempo que empenhada em mostrar uma cultura popular identificadora, a poesia lírica escrita prestou-se muitas vezes a leituras disfarçadamente exóticas. Ou seja: os poetas escreviam para sublinhar diferenças no seio das literaturas em língua portuguesa, mas, com isso, sem querer, facultavam material para que os poemas fossem lidos e valorizados pelos elementos folclóricos, estranhos, bizarros, diversos. Assim, por exemplo, o bilinguismo literário, os poemas imaginando quadros, situações e protagonistas rurais, os quadros evocando costumes e sabores específicos, rurais e urbanos etc., eram bem recebidos por comentários como “tão lindo, tão diferente”, quando muito “são mesmo outras culturas”, enfim, “curioso”, “a África é mesmo outra coisa”, “é preciso saber apreciar e valorizar a cultura dos outros, tão diferente da nossa”. Ora, tal África (uma das muitas) é muito semelhante a “nós”, seja esse “nós” quem for, esteja onde estiver, pois o que muda é meramente circunstancial, a espécie humana é toda muito parecida – desde o tempo em que nos comíamos uns aos outros em todo o planeta,

coisa que hoje fazemos com maior sutileza. Por outro lado (este é, para mim, o ponto principal), a poética dos respectivos autores era válida além dos motivos usados, era o trabalho artístico sobre os motivos que interessava reter e não se reparava nele quando se fixavam as atenções nesses pormenores, estáticos na recepção, de exotismo ideologizado e, na verdade, neorromântico. A minha preocupação foi a de afastar esses poemas – que, sem dúvida, foram marcantes entre nós – e buscar outros em que o trabalho oficial estivesse mais à vista, ou pelo menos não fosse tão mascarado pela localização referencial e pela petição político-partidária.

6. Por todos os motivos acima expostos, preocupei-me em definir as características estéticas dominantes ou interessantes, ignorando as outras, e fazendo tábua rasa dos currículos políticos dos autores – que se encontram profusamente em rede.

7. Enquanto escrevia, citei livros ao correr da pena, sem preocupação de ser exaustivo. Caberá aos professores e especialistas acompanhar os leitores interessados num aprofundamento da bibliografia também. Esse é um exercício complementar, sobretudo para os alunos: investigar outros títulos sobre os mesmos assuntos, em particular os disponíveis em rede.

8. Normalmente, esse tipo de livros inclui, no final, uma extensa e inconsequente lista de títulos. Inútil porque, de tão extensa, o leitor se perde pelo meio e se fatiga; inútil, ainda, porque a maior parte dela não está disponível para um leitor comum, mesmo na maioria das bibliotecas universitárias. Achei preferível e mais honesto referenciar apenas os textos a que recorri no momento,

com a mesma naturalidade com que a nossa mente seleciona umas imagens e não outras para virem à consciência (talvez não seja necessário citar agora Antônio Damásio) – e muitas vezes falha nas escolhas, que outros completam.

9. A bibliografia surge de dois modos: espalhada pelo livro, ao fim de cada poema, sob o título genérico (mas não absoluto) de “Bibliografia mínima” (na qual se indica pelo menos um livro que deva ser lido, não necessariamente o melhor, mas o mais acessível ou o mais completo, ou, pelo menos, o mais representativo); no final, na lista de obras citadas, aparece o resto.

10. É certo, porém, que, hoje, qualquer pessoa copia o nome do autor e, por vezes, também o título de uma obra, colando-os depois em um site de busca e fazendo a pesquisa a partir daí. Neste novo contexto, a bibliografia serve apenas como indicador inicial e mínimo, havendo mesmo ensaístas, como Denis Dutton, que se limitam a indicar uma parte da bibliografia por palavras-chave para busca.

11. Para a realização deste brevíssimo historial literário, beneficiei-me de muitas outras leituras que não foram citadas, algumas delas fundamentais, incorporadas há muitos anos.

12. O intuito geral com que o livro foi concebido resume-se a servir de introdução ao assunto, sobretudo para leitores brasileiros, mas também para todos os leitores lusófonos. Entre esses leitores, os estudantes ganham natural destaque, embora me preocupem outros. Há, também, os que precisam de uma informação rápida e inicial para depois seguir sua curiosidade ou necessidade

ou conveniência (por exemplo, jornalistas). Não circula, por agora, nenhum manual nem nenhuma antologia, atualizados e com distribuição significativa, que sirvam de introdução à história da poesia lírica angolana. Tendo eu percebido, quer no Brasil, quer em Angola, quer em Portugal (países em cujas universidades lecionei e leciono), a necessidade de um resumo atualizado para o professor recomendar aos alunos, decidi-me a assumir a tarefa. Se se criar aquela “água na boca” pedindo um pouco mais e vislumbrando um caminho, terei conseguido o meu objetivo principal, o de suscitar e orientar a curiosidade sobre o assunto.

Francisco Soares

